

FICHA TÉCNICA

Título original: *Mr. Lemoncello's Library Olympics*

Autor: *Chris Grabenstein*

Text copyright © 2016 by Chris Grabenstein

Edição portuguesa publicada por acordo com Random House Children's Books, uma divisão de Penguin Random House LLC.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Maria José Figueiredo*

Revisão: *Carlos Jesus / Editorial Presença*

Ilustração da capa © 2016 Gilbert Ford

Design da capa: *Nicole de las Heras*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 449 607/18

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2019

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt



Pode dizer-se que todas as crianças americanas tinham pena de não serem o Kyle Keeley.

Especialmente quando ele surgia de relance no ecrã da televisão na pele de um esquilo flamejante, num anúncio de férias ao Brigada dos Esquilos Seis, o novo jogo Lemoncello, que era de gritos.

A Akimi Hughes e a Sierra Russell, duas amigas do Kyle, também entravam nesse anúncio, carregando furiosamente nos comandos, a tentar rebentar com o Kyle. Mas ele conseguia escapar aos elásticos, às tartes de coco e natas, aos pedaços de lama, às meias enroladas — a tudo o que lhe atiravam.

Era incrível.

No anúncio do Ei! Não Queria Estar no Teu Lugar, um jogo de tabuleiro do Sr. Lemoncello, o Kyle fazia o papel de peão amarelo, com a cabeça a substituir a esfera da peça. O Miguel Fernandez, outro amigo do Kyle, era o peão verde. O Kyle e o Miguel deslizavam sobre o tabuleiro (em tamanho

real) como se fossem discos de hóquei e, quando o Miguel ia parar ao quadrado onde estava o Kyle, o peão do Kyle tinha de ser empurrado para a linha de partida.

— Ei! — berrava o Miguel. — Não queria estar no teu lugar!

Içado por um cabo oculto, o Kyle dava uma grande pirueta e era arremessado para trás, pairando uns instantes sobre o tabuleiro.

Este jogo também era incrível.

Mas o papel verdadeiramente favorito do Kyle era o que desempenhava no anúncio a outro jogo do Sr. Lemoncello, o Não Digas Uma Coisa Dessas, cujo objetivo era conseguir que os membros da equipa de cada jogador adivinhassem a palavra que estava escrita no cartão que esse jogador tinha tirado, sem que ele pudesse usar uma lista de palavras que também constavam do cartão.

No anúncio, a Akimi, a Sierra, o Miguel e a sempre vivaça Haley Daley estavam sentados num sofá circular e faziam de jogadores da equipa do Kyle. Este, de pé diante deles, dava-lhes as pistas.

— Molho — dizia o Kyle.

— *Nachos*! — replicava a Akimi.

Ouvia-se uma corneta: a palavra não era aquela.

O Kyle fazia nova tentativa.

— Molho de rábano!

— Uma coisa que ninguém consegue comer — intervinha a Haley.

Outra vez a corneta.

O Kyle enganava-se e dizia uma das palavras proibidas:

— *Ketchup*!

SPLASH! Caíam-lhe em cima, vindos do alto, 50 litros de um molho de tomate espesso e viscoso. O molho escorria-lhe pela cara e ficava a pingar-lhe dos ouvidos.

Toda a gente se ria. Então, o Kyle, que adorava ser o palhaço da turma quase tanto como adorava jogar (e ganhar) os jogos malucos do Sr. Lemoncello, desatava a ler a lista das palavras proibidas, da primeira à última, o mais depressa que podia:

— Mostarda-maionese-molho de pickles.

SQUASH! Ficava ensopado por baldes de papa amarela, de lama branca e de uma espessa pasta verde. Aquela porcaria escorria-lhe pelas mangas da camisa, ficando a pingar-lhe nas calças e acabando por formar uma poça no chão.

Os quatro amigos apertavam a barriga de tanto se rirem do Kyle, que não estaria mais afogado em «condimentos» (a palavra que estava escrita no cartão) se fosse um cachorro-quente com um quilómetro de comprimento.

— Foi divertido? — bradava uma voz de fora de cena.

— Divertido? — respondia a Haley. — Estás a brincar? Isto é um Lemoncello!

Era assim que todos os anúncios acabavam: com a Haley a declamar a frase «Estás a brincar? Isto é um Lemoncello!». A Haley tinha-se tornado uma estrela de televisão. Todas as crianças americanas queriam também ser como ela. À exceção daquelas que se roíam de inveja dela e não percebiam como é que a Haley Daley, o Kyle Keeley, a Akimi Hughes, a Sierra Russell e o Miguel Fernandez tinham sido os escolhidos para fazer os anúncios de férias do Sr. Lemoncello.

E, quando descobriram que os cinco miúdos se tinham tornado estrelas da televisão por terem vencido um jogo disputado na incrível biblioteca que o Sr. Lemoncello mandara construir de novo em Alexandriaville, no Ohio — um jogo para o qual não tinham sido convidadas —, todas as crianças americanas começaram a exigir que se organizasse outro jogo.

2

O Charles Chiltonton estava sentado na sala de cinema de sua casa, a ver o colega Kyle Keeley a fazer palhaçadas no ecrã de plasma de 70 polegadas da sua televisão.

Estavam a ser as piores férias de Natal da vida dele.

Há mais de um mês que, sempre que ligava a televisão, o Charles era obrigado a ver os cinco batoteiros que, seis meses antes, lhe tinham roubado o prémio que ele merecia.

No anúncio daquela noite, o Keeley — o líder do grupo que tinha «derrotado» o Charles no jogo da Fuga da Biblioteca do Sr. Lemoncello — aparecia ridiculamente vestido, com uns óculos enormes, a parecer um esquilo voador. Mas era óbvio que o Keeley estava a divertir-se imenso a fazer aquele anúncio.

Um anúncio que devia ter sido o *Charles* a fazer.

Tinha sido necessário formar uma equipa com mais quatro miúdos para o Keeley conseguir vencê-lo no jogo da fuga de junho passado, que fora jogado no interior da

javardice da nova biblioteca que o palerma do autor dos jogos mandara construir, no fim de semana em que o edifício tinha aberto ao público.

O Keeley também precisara da ajuda do Sr. Lemoncello para conseguir ganhar.

No último segundo, estava o Charles pertíssimo da vitória, quando o maluco do milionário o desqualificou por causa de um pormenor sem importância nenhuma metido à força nas regras. Fora graças a isso que o Keeley e os amiguinhos dele venceram o jogo e ganharam o grande prémio.

E o Charles regressara a casa, onde tivera de ouvir o pai dizer-lhe que estava muito desiludido com ele.

Porque um Chiltington nunca perde.

Em especial se o adversário é um zé-ninguém qualquer como o Kyle Keeley.

O Charles passara os últimos seis meses a conspirar planos de vingança contra o Keeley e os membros do grupo dele: a espertalhona da Akimi Hughes, o rato de biblioteca do Miguel Fernandez, a Sierra Russell, que estava sempre com o nariz metido dentro de um livro, e sobretudo a Haley Daley, que era uma traidora e uma vira-casacas, porque tinha feito parte da equipa do Charles juntamente com o Andrew Peckleman, mas tinha-os abandonado para se juntar ao Kyle.

— O Sr. Lemoncello roubou-me — resmoneou o Charles com ar miserável. — Deviam encerrar-lhe aquela biblioteca ridícula.

A verdade é que ele andava a resmonear a mesma coisa desde que os anúncios de férias dos jogos Lemoncello tinham começado a ser emitidos. Acontece que, por qualquer razão estranha, aquele irritante anúncio com o esquilo lhe deu uma ideia nova.

O Charles carregou no botão de pausa do comando do leitor de vídeo digital.

Deviam era encerrar o Sr. Lemoncello.

Era uma ideia ainda melhor.

Os cidadãos de Alexandriaville, no Ohio, não deviam permitir que o louco do Sr. Lemoncello continuasse a controlar o que se passava dentro da biblioteca, que era *pública*, ou seja, que era deles.

Exatamente! A cabeça do Charles começou a trabalhar. Era isso mesmo. Uma campanha para arrancar a gestão da biblioteca das mãos desse lunático perigoso que dava pelo nome de Luigi Lemoncello.

E o Charles sabia muito bem quem era a pessoa que ia dirigir o ataque.

A mãe dele.

A mãe tinha muita experiência na condução de causas.

Quando o Charles andava no infantário, a mãe liderara a Cruzada Antiqueque, porque o Charles gostava mais de bolachas de chocolate. Quando ele andava no terceiro ano, a mãe tinha conseguido que a professora que ousara classificar o vulcão de papel machê do Charles com um Satisfaz fosse despedida. E, no quarto ano, tinha-o tirado da escola privada onde ele andava, a Escola Preparatória de Chumley (e suspenso o generoso donativo que os pais davam todos os anos à escola), porque a escola tivera o atrevimento de contratar um professor de história que decidira celebrar o Dia Internacional de Falar à Pirata.

Além disso, a mãe do Charles não andava propriamente muito satisfeita com as patéticas que o Sr. Lemoncello fazia na biblioteca.

— Há muita parra e pouca uva — queixara-se às amigas do clube de *bridge*. — Além disso, emprestam muitos livros que não deviam.

A cabeça do Charles trabalhava a grande velocidade: ele estava a planear os próximos passos.

Bastava um empurrãozinho e a próxima causa da mãe seria expulsar o Sr. Lemoncello da Biblioteca Lemoncello (e mudar-lhe o nome). O Charles tinha a certeza disso.

— Mamã! — chamou ele no tom de menino mimado que sabia usar em certas ocasiões.

A mãe não respondeu, de maneira que ele repetiu a dose, agora mais alto.

— Mamã! Acaba com aquilo! Estou a ficar traumatizado! Mamã!

A mãe entrou de rompante na sala da televisão.

— Charles, querido! Que foi?

O Charles apontou para o ecrã da televisão com a mão a tremer.

— O Sr. Lemoncello. Faz com que ele desapareça. A biblioteca dele é um lugar horrível, cheio de batoteiros.

— Eu sei, querido, mas eu não posso...

O Charles começou a fazer um berreiro.

— Ele fez batota comigo, mamã! Ele roubou-me!

— Está bem, docinho...

Chegara o momento de recorrer à artilharia pesada.

— Ele fez baixar a minha autoestima! Sinto-me um fracasso completo! — continuou ele a choramigar. — Por causa do Sr. Lemoncello, posso acabar por não ir para a faculdade!

A mãe do Charles empalideceu assustadoramente. *Golo!*

— Calma, calma. A mamã está aqui. Vai correr tudo bem.

E a mãe abraçou-o com força.

O Charles sorriu.

O Sr. Lemoncello tinha os dias contados.

O melhor era pensar já em encomendar o caixão e as flores.